



SER FULNI-Ô HOJE: SUJEITO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

André Cavalcante¹

No espaço virtual, onde os sujeitos podem interagir de forma mais rápida e produzir seus discursos para muitas pessoas, tem nos chamado a atenção as discursivizações e processos identificatórios presentes nas Redes Sociais. Elas não servem apenas para se comunicar com amigos, publicar pensamentos, fotos e vídeos, mas têm sido utilizadas para a mobilização de protestos, campanhas publicitárias etc.

Assim, entre os inúmeros discursos que nos inquietam nesse espaço, propomo-nos, neste trabalho, a analisar os discursos produzidos pelos Fulni-ô nas redes sociais. Esses índios estão agrupados na família linguística Macro-jê, única língua indígena Nordestina, com exceção do Maranhão. Mas o que aqui nos interessa especificamente é compreender a constituição identitária desses sujeitos. Separados geograficamente dos não-índios apenas por uma pequena ponte, que separa a aldeia da cidade de Águas Belas, os índios Fulni-ô sentem necessidade da (re)afirmação de sua identidade indígena, o que pode ser observado nos discursos produzidos por esses sujeitos na rede.

Então, para refletirmos sobre a questão da Identidade Indígena, analisaremos discursos encontrados na Rede Social Facebook em páginas como o “Povo Fulni-ô, liberdade de expressão” e “Nação Fulni-ô”. Partimos do questionamento se as discursivizações produzidas nessas páginas constituem uma posição de resistência do sujeito-indígena, como propõe Orlandi (2012), relacionando a essa posição a construção da imagem dos Fulni-ô sobre eles mesmos.

Em torno da noção de sujeito discursivo: Estabelecendo laços com o povo do rio

Antes de refletir sobre o sujeito Fulni-ô, iremos historicizar brevemente as condições sócio-históricas em que eles estão situados.

Fulni-ô significa em Yaathê “povo que vive ao lado do rio”. Esses índios têm duas moradias: a primeira é a reserva, próxima à cidade, onde está localizada a aldeia que possui aproximadamente 11mil hectares, com lotes individuais; a segunda é um local mais distante onde passam três meses do ano para a prática do ritual religioso Ouricuri. Tal ritual é uma prática necessária aos indígenas para se afirmarem como Fulni-ô. Por isso, é sigiloso, não permitido aos não-índios. Esta prática religiosa é realizada em Yaathê que, segundo a FUNASA (2010), é falada por 4.336 pessoas, tendo funções rituais e sociais.

¹Graduando em Letras, UFPE e bolsista de Iniciação Científica, PROPESQ-UFPE/ CNPQ.



Eles foram catequizados de 1681 a 1685 e cederam parte de seu território aos seus catequizadores. Assim, foi construída a igreja e formou-se a cidade de Águas Belas. Mas, com os conflitos ocorridos ao longo do tempo, só em 1877 as terras foram demarcadas.

Há, na aldeia, escolas bilíngues para um povo também bilíngue. O interesse da linguística pelo povo fulni-ô, sobretudo pela língua deles, não é novo. Já houve muitos outros estudos sobre essa língua indígena (Lapenda, 1968; Costa, 1993; Cabral, 2009 e outros), porém esses estudos abordaram a língua Yaathê apenas do ponto de vista da fonologia, morfologia e antropologia. Desses estudos observou-se que, segundo Costa (1993), a identidade étnica desse povo é preservada e definida a partir de dois aspectos da cultura: a língua e a religião.

Para este trabalho, interessa-nos estudar esses indivíduos enquanto sujeitos do discurso, já que, para Pêcheux (1995, p. 214) “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” Sendo que a noção de Formação Discursiva (FD) é tomada, nessa perspectiva, como “o que pode e deve ser dito” em determinadas condições sócio-históricas e ideológicas. O sujeito é, portanto, duplamente afetado: pelo histórico-ideológico e pelo inconsciente, porém não se dá conta disso. Assim, é sob a ilusão de que é origem do seu dizer e que domina o que diz, é que ele produz seu discurso. E, ao produzi-lo, mesmo sem se dar conta, identifica-se com determinados saberes e sentidos, o que vai determinar sua inscrição em uma ou outra FD.

Identidade e Resistência

Partindo dessa relação entre sujeito e ideologia, refletiremos sobre a noção de Resistência proposta por Orlandi (2012, p. 230), que vai olhá-la a partir de suas vinculações tanto com a forma-sujeito-histórica quanto com a identificação do sujeito com uma FD, para afirmar que é justamente quando “o sujeito individua(liz)ado se identifica que pode haver ruptura”. A resistência emerge, então, nas falhas do ritual, mas a ideologia não cessa de operar e é por isso que a Pêcheux (2011, p. 114) interessa a “luta de deslocamento ideológica”, ou seja, essa possibilidade de pensar, a partir do funcionamento da ideologia, que ela é antes de tudo um local de “resistência múltipla. Um local no qual surge o imprevisível contínuo, porque cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções.” (*Idem*, p. 115)

No *corpus* analisado, observaremos a relação entre resistência e identidade indígena. Sobre a identidade Hall (2003, p. 13) diz que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de



nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas.

Portanto a “identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir do nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.” (Hall, 2003, p. 39) Sobre essa falta constitutiva do sujeito, Coracini (2003, p. 203) diz que

o sujeito é fruto de múltiplas identificações imaginárias e/ou simbólicas [...] que constituem uma rede que é resultado da falta constitutiva do sujeito que, em vão, deseja preenchê-la, supri-la ao longo da vida, supri-la com o outro, objeto do seu desejo. Mas como o seu desejo é preencher a sua falta e o desejo do outro, é também preencher a sua falta, o que o sujeito deseja é o desejo do outro, ou seja, que o outro o deseje.

Portanto, percebe-se que é nessa relação entre o eu e o outro que se dão os processos identificatórios, na relação entre identidade e alteridade. Por isso, através das análises, iremos observar como esses sujeitos se (contra)identificam com os saberes da FD em que inscrevem seus discursos, e se instauram uma posição de um sujeito de resistência.

Análises

Observando publicações em duas comunidades do Facebook (Povo Fulni-ô, Liberdade de Expressão e Nação Fulni-ô), foi constituído um arquivo e dele selecionadas algumas Sequências Discursivas (SD) significativas para esse trabalho.

BLOCO 1- Comunidade Povo Fulni-ô, Liberdade de Expressão.

Esta comunidade é descrita como uma página de personagem fictício em que qualquer pessoa pode participar e expor suas ideias, fazer críticas, comentários, enviar vídeos, fotos e o que fizer referência ao POVO FULNI-Ô.

SD1 -Quando é que o governo brasileiro vai tomar vergonha na cara e parar com perseguições aos verdadeiros donos da TERRA?????Do que adiantou a Constituição de 1988? Essa manobra, essa safadeza desses políticos brasileiros corruptos nunca vai acabar!!!!

*SD2- Ontem, 11/08/2013 de frente a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, mais uma vez tivemos exemplo de pessoas que realmente estão preocupadas com o bem estar do nosso Povo Fulni-ô, que vêm tentando, lutando e procurando de todas as formas nos conscientizar de que devemos preservar o que é nosso (Thxana feathxykyalhya), pois se nós não cuidarmos daquele lugar *Infinitamente Especial* **ninguém (Homem branco) vai sair da sua casa, da sua cidade pra fazer isso por nós!** Vamos fazer a nossa parte, cada um limpando todos os dias ao redor da sua casa.*

Primeiramente, uma das materialidades significativa nessa comunidade é a foto do perfil. Na comunidade, a foto escolhida foi a do Padre Alfredo Pinto Dâmaso, que foi de bastante importância na política local e defensor dos indígenas, considerado o maior benfeitor desse povo. Essa imagem nos revela, além de uma homenagem, uma identificação desse povo com o discurso catequético, entrando em conflito com o que foi dito sobre a identidade desses indígenas, definida por sua religião e sua língua. Como se pode ver nas SDs acima, há pouca escrita em Yaathê nas redes sociais, justamente pelo fato de que a língua portuguesa é a segunda língua desse povo, muitas vezes,



mais utilizada do que a própria língua indígena. Assim, tanto a língua Yaathê quanto a língua portuguesa constituem a identidade dos Fulni-ô.

Na SD1, há o pré-construído de que a terra deve ter dono, marcando o atravessamento de saberes da FD capitalista. Dessa forma, o sujeito-Fulni-ô se identifica com o discurso do “branco”, porém, ao mesmo tempo, se afirma como indígena, sendo necessário lutar por seus direitos, questionando-se sobre o discurso da constituição em “o Estado deveria promover o bem de todos, sem distinção de origem, raça, sexo, cor e idade, não havendo preconceito.” Em que o este sujeito assume, assim, uma posição de resistência.

Em SD2, há, em suas contradições, um discurso de afirmação do índio, de conscientização dos seus direitos e preservação de sua terra. Porém, ao situar o lugar de reunião, **Igreja Nossa Senhora da Conceição**, surgindo, então, o atravessamento do discurso do branco e a identificação com ele. Observa-se, portanto, saberes pertencentes à FD Cristã, pois eles não se dizem católicos e realizam rituais religiosos indígenas. A partir dessa localização, observou-se que assim como o bilinguismo, a presença de duas religiões também faz parte da Identidade Fulni-ô.

Acerca desse conceito de Identidade em Análise do Discurso, Orlandi (1998, p 204) afirma que ela “é um movimento na história”. Portanto, ela está relacionada com a linguagem (por se formar nela) e com a História, pois a língua está inserida na história para significar, assim, ser índio hoje é bem distinto de que já foi um dia. E na questão indígena, a Resistência faz parte dos processos identificatórios.

Assim, no bloco acima, encontra-se uma posição-sujeito de Resistência, pois a SD1 incorpora um discurso capitalista de propriedade privada, para se contra-identificar, mostrando de uma forma clara sua posição de resistência, enquanto, a SD2 reverencia o discurso do branco, identificando-se com ele diz, não questionando, como na SD1. Portanto, no primeiro caso, a identidade indígena se constrói pela resistência e, no segundo, pela identificação com o discurso do branco.

O seguinte bloco refere-se ao segundo perfil analisado:

BLOCO 2- Perfil Nação Fulni-ô

Aqui há um perfil que produz discursos em nome da nação Fulni-ô, não há descrição no perfil, porém, a foto do perfil é dos próprios Fulni-ô.

SD3- Sente-se na pele a fé que emana de um povo que se identifica com a natureza e do ser que os criou, frutos de outras gerações que o tempo não ousa destruir. Cultura imperiosa orgulho de sua história, fé, perseverança. Esta é minha essência. Não tão somente as palavras são capazes de definir o que é o índio da nação Fulni-ô, é importante, sobretudo viver o dia-a-dia do seu Ouricuri, ritual sagrado, terra maravilhosa onde o ser é parte fundamental para a convivência com todos. Respeito e vontade de se afirmar cada vez mais. Segredos guardados a sete chaves[...]Este é meu povo, minha essência, FULNI-Ô.

A SD3 também está inscrita em uma FD de afirmação indígena, trazendo os dizeres de “fé”, “ritual Ouricuri” e “Cultura” antecipando uma imagem que os índios têm de si próprios, revelando um processo identificatório de afirmação indígena, trazendo o discurso de necessidade de se afirmarem como indígenas, porém, discursivizando dizeres de resistência ao discurso do não-índio

Através dessas análises, observamos, assim, conforme Orlandi (2012, p. 231) que na falha se abre em ruptura, onde o sujeito pode irromper com seus outros sentidos e com eles ecoar na história.



É a falha no assujeitamento que faz com que se abra espaço para outras posições-sujeito dentro de uma formação discursiva, novos sentidos ou novos lugares. (Cf. 2007, p. 12.)

Um efeito de Conclusão

Analisando os discursos dos Fulni-ô nas Redes Sociais, observou-se que através do conflito dos saberes de uma FD Indígena e uma FD não-indígena surgem discursos que instauram a FD de afirmação Indígena em que os sujeitos assumem uma posição de Resistência.

Essa resistência dar-se-á através da relação do indígena com o Estado, sendo a falha deste responsável pela necessidade de se afirmar como índio e lutar por seus direitos. Porém, ao trazer o discurso do branco, sua religião, língua, se (contra)identificam é uma prática necessária aos processos identitários desses índios, e assim, constitui a identidade Fulni-ô.

Referências

CORACINI, Maria José (org.). *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003, p. 197 - 221.

_____. A celebração do outro na constituição da identidade. In: Revista *Organon*. V. 17, n. 35. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2003 b, p. 201 - 220.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COSTA, Januacele da. *Bilingüismo e atitudes interétnicas: aspectos do contato português-ya:the*. Recife, 1993. (Dissertação de Mestrado)

CABRAL, Diogo Félix. *O acento Yaathê*. Maceió, 2009. (Dissertação de Mestrado)

LAPENDA, G. *Estrutura de lingual latê*. Recife: UFPE, 1968.

ORLANDI, E. Identidade Linguística Escolar. In: SIGNORINI, I.(Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão ao campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

_____. O Sujeito Discursivo Contemporâneo: Um Exemplo. In: INDURSKY, F. E FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Análise do Discurso No Brasil: Mapeando Conceitos, Confrontando Limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

_____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. 2ª Ed., Campinas: Pontes Editores, 2012. ("Por uma teoria discursiva da resistência do sujeito". P. 213 a 234.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1997, p. 163-252.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2ª ed., Tradução: Eni P. Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 1995.

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/fulni-o/1719> Acesso em 10/09/2013

http://www.funai.gov.br/quem/legislacao/indios_na_constitui.htm Acesso em 15/09/2013